

ENSINO DE LIBRAS COMO L1 PARA CRIANÇAS SURDAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Júlia Eduarda de Oliveira Tomaz¹
Jéssica Girlaine Guimarães Leal²
Marina Maria Alves Dantas³
Artur Maciel de Oliveira Neto⁴

RESUMO

É certo que os surdos têm direito ao acesso e educação na Libras como sua primeira língua - L1. Este processo de aquisição e alfabetização ocorre desde a infância mediante interação linguística no âmbito familiar e social. No entanto, acontece desse processo de internalização da língua ser dificultado, já que muitas vezes o sujeito surdo não tem contato nem com a Libras ou com o Português como L2. Essa pesquisa objetivou, portanto, introduzir algumas reflexões sobre a educação infantil de crianças surdas e apresentar um relato das experiências vivenciadas durante o Programa de Residência Pedagógica - PRP/UFERSA, evidenciando as metodologias utilizadas nas aulas. Seguindo uma abordagem qualitativa, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica corroborando com a pesquisa participativa, ocorrida durante a regência pelos residentes do subprojeto Interdisciplinar Libras/Português numa turma de uma instituição estadual de atendimento a alunos surdos, em Mossoró-RN. Fundamentado nisso, compreendemos que o processo de ensino-aprendizagem da Libras como L1 deve partir da Libras como protagonista, assumindo sua estrutura visual-espacial, e também da perspectiva do surdo, sua cultura e percepções. Consideramos, por conseguinte, a relevância do programa de residência pedagógica, proporcionando momentos práticos de ensino e reflexão como os relatados nesta pesquisa. Dessa maneira, foi possível constatar uma melhor interação e aprendizado da língua, pelas crianças surdas, com a utilização de metodologias ativas e lúdicas, onde as mesmas possibilitam a prática e a interação entre os alunos, como jogos digitais e concretos, dinâmicas, atividades que explorem o visual e a gravação de vídeos.

Palavras-chave: Aquisição de L1, Educação Infantil, Libras, Metodologias de ensino.

INTRODUÇÃO

Falar sobre educação de surdos é levar em consideração todo um histórico de lutas e reivindicações da comunidade surda pelo seu direito à educação, e pelo reconhecimento da sua Língua, identidade e cultura próprias.

¹ Graduando do Curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA, juliiatomaz@gmail.com;

² Mestre do Curso de Ciências da Linguagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Professora da Universidade Federal Rural do semi-Árido - UFERSA, jessica.leal@ufersa.edu.com;

³ Graduado pelo Curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA, marina-apodi@hotmail.com;

⁴ Professor Orientador: Mestre em Educação Inclusiva, pela Universidade Paulista- SP, oliveira.neto@unesp.br.

A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 reconhece a Libras como meio legal de comunicação dos surdos, e determina que seja garantida a sua institucionalização e difusão. Alicerçado nesta, recentemente uma conquista da comunidade surda foi a institucionalização da lei Nº 14.191, de 03 de agosto de 2021, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), que dispõe sobre a educação bilíngue de surdos, prevendo o ensino de Libras como L1 e o português escrito como L2. Dessa forma, o processo de ensino e aprendizagem do sujeito surdo deve ser pensado considerando as particularidades da Libras, e reconhecendo que esta possui uma estrutura diferente do Português, assim como devem ser ofertados materiais didáticos e profissionais especializados.

Infelizmente reconhecemos que na realidade uma quantidade significativa de crianças surdas têm uma aquisição da linguagem desenvolvida de forma tardia, isso ocorre por muitas vezes não terem contato com a sua língua natural e nem com o Português escrito como L2, como é apontado em Agria e Vieira:

A constituição particular para o processo de aquisição de linguagem pelas crianças surdas é dependente do espaço social a que estão inseridas, da qualidade interativa a que são expostas, e de seus interlocutores que devem ser, preferencialmente, surdos adultos, em conjunto com professores bilíngues (2013, p.111).

Assim, para que o aprendizado seja significativo, é necessário pensar metodologias onde todos sejam incluídos, respeitando a cultura e identidade surda, assim como respeitando e explorando a estrutura visual-espacial das Línguas de Sinais. Como explicam Carvalho e Brasil (2022, p.185) ao apontar que esse ensino deve ocorrer desde a educação infantil, “respeitando as etapas do seu desenvolvimento físico e cognitivo, o mais breve possível e, além disso, considerando suas experiências socioculturais”.

Desse modo, tendo como tema central a produção de materiais e o ensino de Libras para crianças surdas, esse relato de experiência apresenta a vivência de alunas acadêmicas do curso de Licenciatura em Letras Libras, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA, campus Caraúbas, durante a participação no Programa de Residência Pedagógica - PRP.

O Programa, elaborado e financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) tem como objetivos:

I. Fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática de discentes de cursos de licenciatura; II. Contribuir para a construção da identidade profissional docente de licenciandos/as; III. Estabelecer corresponsabilidade entre IES, redes de ensino e escolas na formação inicial de professores/as; IV. Valorizar a experiência de

professores/as da educação básica na preparação de licenciandos/as para a sua futura atuação profissional; V. Induzir a pesquisa colaborativa e a produção acadêmica com base nas experiências vivenciadas em sala de aula (PRP/PROGRAD/UFERSA, 2022, p.2).

Destaca-se que esta é a primeira vez em que a CAPES oferta bolsas do PRP para os discentes do curso de Libras com a abertura do subprojeto Interdisciplinar Libras/Português. A presente pesquisa é fundamentada na importância de se compartilhar essa vivência em sala de aula de forma a possibilitar a produção acadêmica, considerando a escassez de materiais nessa área.

As atividades do grupo no PRP foram desenvolvidas em regime de colaboração entre a universidade e a escola-campo, o que foi de extrema importância para a concretização do projeto. Pontua-se assim a relevância do trabalho conjunto desempenhado entre os residentes, o professor preceptor e a professora orientadora durante todo o percurso de planejamento e execução das atividades.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar sobre como ocorre o ensino de Libras para alunos surdos, percebendo o papel do professor nesse processo desde o planejamento até a implementação das atividades em sala de aula, elencando os principais desafios e as metodologias utilizadas nas aulas. Partindo assim da perspectiva teórico-prática, onde o tema é apresentado a partir da experiência de regência e em seguida analisado e discutido teoricamente.

REFERENCIAL TEÓRICO

O professor português António Nóvoa, reconhecido como um grande pensador da educação, aborda em suas pesquisas sobre o papel dos professores e a importância da formação ao longo da carreira, destacando a necessidade de uma abordagem reflexiva e integral para a formação de professores.

É preciso trabalhar no sentido da diversificação dos modelos e das práticas de formação, instituindo novas relações dos professores com o saber pedagógico e científico. A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, diretamente articulados com as práticas educativas (Nóvoa, 1992, p. 16).

Compreendemos por meio deste que o professor precisa assumir a autonomia da sua prática e construção de saberes, onde, a partir da reflexão crítica das suas experiências e trocas

no espaço educativo, se possa desenvolver o seu fazer pedagógico. Para isso, compreendemos a importância das atividades de extensão, como estágios, e programas como PIBID e PRP, que possibilitam o desenvolvimento pessoal do professor em formação, promovendo a prática e construção da identidade docente. Além de possibilitar a interação direta com a realidade da sala de aula e também a colaboração entre os licenciandos e os professores atuantes da instituição.

Quadros (2000) aponta que “Alfabetização de crianças surdas enquanto processo; portanto, só faz sentido se acontece na LSB, a língua que deve ser usada na escola para aquisição da língua, para aprender através dessa língua e para aprender sobre a língua”. Dessa forma a criança surda precisa ter contato com surdos e ouvintes sinalizantes desde a educação infantil para que sua linguagem seja estimulada por meio da interação, assim como necessita que seu ensino aconteça de forma a contemplar a cultura e identidade surda e os aspectos linguísticos e sociais das Línguas de Sinais.

Ao analisarmos a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, nota-se que a Libras é mencionada apenas na 4º competência geral da Educação Básica, no que diz respeito à utilização de diferentes linguagens e formas de comunicação para se expressar. A mesma também institui seu compromisso com a educação integral, onde a escola seja um espaço igualitário e democrático onde todos reconhecem e respeitam as individualidades de cada um.

Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades (BRASIL. Ministério da Educação, 2018, p. 14).

Por conseguinte, o professor precisa desenvolver metodologias adequadas para o ensino aprendizagem da Libras, como é abordado por Quadros (2000) quando discorre sobre os instrumentos utilizados no processo de alfabetização de crianças surdas, onde o mesmo deve abranger a produção literária que é característica da comunidade surda e os aspectos linguísticos constituintes da Libras. Assim, ele afirma que “A proposta é de tornar rica e lúdica a exploração de tais aspectos da LSB que possibilitam tal língua ser um sistema linguístico complexo”.

Em seu texto, Reis (2022) discorre sobre como as tecnologias podem ser um importante aliado para esse processo de ensino e aprendizagem da Libras. Assim considera-se

que o uso de tecnologias digitais, como aplicativos, softwares educacionais e plataformas online, pode tornar o processo de alfabetização mais dinâmico e interativo para os surdos.

“Esses recursos têm potencial pedagógico se utilizados como suporte ao aprendizado do português como segunda língua e em fases iniciais de aquisição da linguagem e de alfabetização na L1 como recursos visuais na aprendizagem dos sinais. Para isso, o professor precisa ter consciência de seus objetivos e de como irá utilizar o recurso em suas aulas” (Reis, 2022, p. 50).

Dessa forma, para que esses recursos sejam bem empregados, antes é necessário conhecer o perfil do aluno, observar a realidade da escola, e assim elaborar quais materiais poderão ser melhor utilizados para trabalhar determinado conteúdo ou habilidade.

METODOLOGIA

A pesquisa teve início a partir das experiências vivenciadas pelas residentes do subprojeto Interdisciplinar Libras/Português durante o período de regência do Programa de Residência Pedagógica (PRP- UFERSA), com enfoque no ensino de Libras como L1 para uma turma de alunos da escola-campo, uma instituição estadual de atendimento ao surdo em Mossoró-RN. O período aqui relatado refere-se somente ao período de realização do primeiro módulo do programa.

A metodologia desenvolvida neste trabalho é do tipo qualitativa, partindo da pesquisa participante, de acordo com Gil (2008), onde o pesquisador passa a interagir e participar ativamente das situações vivenciadas pelos pesquisados de forma crítica, conforme Gil (2008, p.151) “Essa análise crítica objetiva promover nos grupos de estudo um conhecimento mais objetivo dos problemas. Procura ir além das representações cotidianas desses problemas”. Assim, esse primeiro procedimento foi realizado pela coleta e análise crítica dos dados das aulas ministradas pelos residentes/pesquisadores para os alunos da escola-campo.

A classe em questão era composta por crianças surdas, onde alguns utilizam aparelho auditivo e haviam também alunos que apresentavam outras necessidades educativas especiais. Dessa forma, os dados aqui apresentados são resultado do trabalho e da pesquisa desenvolvida especificamente com esse grupo, levando em consideração suas especificidades.

Para compreender melhor os princípios que se abordaram o presente projeto, o segundo procedimento utilizado foi a pesquisa bibliográfica, onde a busca foi realizada em bases de dados acadêmicas, no qual foram analisados artigos científicos, dissertações, leis, entre outros materiais encontrados que tivessem relevância para a temática em estudo.

Utilizou-se também para embasamento teórico os textos e documentos estudados durante as reuniões de formação e debate realizadas pelo grupo do subprojeto. Onde esses textos eram propostos pelos professores preceptores e pela coordenadora do subprojeto para serem debatidos em reunião via Google Meet com os alunos residentes.

Assim, foi realizado um estudo da literatura publicada sobre como ocorre o processo de ensino/aprendizagem da Libras para crianças surdas. Por meio dessa pesquisa foi possível relacionar os conhecimentos teóricos estudados com a experiência de prática em sala de aula, refletindo sobre as metodologias e estratégias utilizadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considera-se relevante nesse relato, apontar brevemente sobre os procedimentos desenvolvidos durante o primeiro ciclo da residência. Destacando que, primeiramente, antes da realização das aulas de regência, tivemos a etapa de formação com reuniões de debate e discussão de textos. Na segunda etapa foi realizado o momento de ambientação na escola campo, onde foi possível conhecer o espaço físico da instituição, as salas de aula, os recursos disponíveis, e também ter o primeiro contato com a comunidade escolar, os alunos e a equipe de profissionais atuantes.

Assim, tendo um conhecimento prévio do funcionamento da instituição e de como são desenvolvidas as atividades na mesma, foi possível começar a pensar em quais os caminhos possíveis de trilhar com os alunos. Para isso foram realizadas reuniões de planejamento, com o grupo do subprojeto juntamente com o professor preceptor para alinhamento das atividades a serem executadas, e organização do cronograma de aulas.

Reconhecemos assim, que esses momentos foram de extrema importância e proporcionaram o aporte teórico necessário para o desenvolvimento da prática do ensino. As autoras Basso, Strobel e Masutti (2009) ao debater sobre as metodologias de ensino de Libras como L1, abordam sobre a necessidade do planejamento e apontam que existem quatro etapas para a realização do mesmo:

- 1- Conhecimento da realidade: saber para quem se vai planejar, conhecer o aluno e seu ambiente, saber quais as aspirações, frustrações, necessidades e possibilidades dos alunos.
- 2- Elaboração: a partir dos dados do conhecimento da realidade estabelecer o que é possível alcançar, como fazer para alcançar e como avaliar.
- 3- Execução: colocar em prática as elaborações feitas.
- 4- Avaliação: avaliar o próprio plano com vistas ao replanejamento (Basso, et. al, 2009, p. 41).

Ainda em concomitância com o que é proposto pelas autoras, após definir o tema e os objetivos a serem alcançados com aquela aula é necessário pensar quais metodologias, estratégias e recursos materiais poderão ser utilizados que melhor favoreçam o aprendizado desse grupo de alunos. Considerando suas especificidades, etapa de desenvolvimento e nível de fluência na Libras.

Quando falamos sobre metodologias de ensino de Libras automaticamente pensamos na utilização de imagens, considerando que as línguas de sinais possuem uma estrutura visual espacial. No entanto, um adendo a isto, é que somente o uso de imagens não é totalmente eficaz para o ensino de crianças, quando este não vem atrelado a estratégias de ensino mais ativas e dinâmicas.

Para exemplificar sobre isso, vamos citar uma das primeiras aulas ministradas, onde ao trabalhar a temática “As partes do corpo humano em Libras” utilizamos como recurso slides ilustrados, e no decorrer da aula observou-se que mesmo contendo apenas a imagem e o sinal em Libras no slide os alunos não prestavam muita atenção e nem participavam. Decidimos então chamá-los para frente sob o pretexto deles ensinarem uns aos outros, então íamos mostrando a imagem e pedindo pra eles fazerem o sinal relativo aquela parte do corpo, dessa forma notou-se que os alunos começaram a interagir um pouco mais e tentar fazer os sinais.

Dessa maneira constatou-se que slides não eram um recurso muito atrativo para as crianças, foi necessário repensar outras estratégias para as próximas aulas. Assim, foram propostos momentos mais dinâmicos e lúdicos que incentivassem a participação e interação dos alunos. Rocha (2000) fala sobre isso discorrendo sobre a importância do brincar no ensino de crianças surdas:

O brincar faz parte do desenvolvimento da criança na educação infantil, sendo de fundamental importância no processo de inclusão do aluno surdo no ambiente educacional, sempre abordando de forma visual e sinalizando o que se tem no ambiente escolar, assim a criança começa a observar e sinalizar junto (Rocha, 2000, p. 125).

Assim, adotamos essa metodologia ao trabalhar uma aula no dia dos povos indígenas, realizou-se um momento de confecção de alguns brinquedos que fazem parte da cultura desses povos. Dessa forma foram produzidos petecas e bilboques com material reciclado, cada aluno fez o seu próprio brinquedo e decorou a sua forma com fitas coloridas. Notou-se que eles gostaram bastante desse momento e principalmente do final onde todos brincaram juntos. Todo o desenvolvimento dessa atividade foi feito de forma a incentivar o uso e a expressão na Libras, assim os alunos puderam conhecer um pouco da cultura de alguns desses

povos e aprenderam alguns sinais em Libras por meio da contação da história “O menino Poti”.

Como é abordado em Reis (2022) as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC's) abriram uma gama de possibilidades de uso e aplicação na educação. Algumas plataformas como o Canva, Kahoot e WordWall podem ser utilizadas para a criação de jogos que tornam a aula mais dinâmica, pois facilitam a assimilação do conteúdo já que o aluno vai estar motivado e engajado naquela brincadeira, ao mesmo tempo em que aprende e interage uns com os outros.

Considerando as possibilidades de uso das tecnologias como recurso de ensino, realizou-se a produção de vídeos, onde foi proposto aos alunos gravar um vídeo deles fazendo os sinais referentes à temática trabalhada naquela aula. Na primeira vez que chamamos eles não quiseram participar, apenas um aluno aceitou ainda que um pouco receoso, dessa forma gravamos somente com esse aluno os sinais do corpo humano, depois realizamos o trabalho de edição colocando a imagem e o vídeo do aluno sinalizando. Posteriormente o vídeo foi postado nas redes sociais da instituição, e notamos que a partir daí, os outros alunos começaram a querer participar e gravar também. Assim, em outra aula realizamos a gravação dos sinais referentes aos objetos de higiene, onde todos os alunos que estavam presentes na aula escolheram alguns objetos e fizeram a gravação do sinal.

Como é apontado por Quadros (2000) “Explorar a produção de vídeos de produções literárias de adultos, bem como das próprias produções das crianças, é uma das formas mais eficientes de garantir um registro da produção em sinais com qualidade”, mesmo não sendo uma produção literária, a gravação dos vídeos dos sinais possibilitou a ampliação do vocabulário dos alunos, assim como estimulou a interação e a prática da Libras. Outro ponto positivo é que essa produção audiovisual viabilizou um aprendizado significativo e dinâmico, não se configurando um processo somente de repetição de sinais, pois verificou-se que mesmo depois de um tempo após a aula, ao serem questionados se eles lembraram de algum sinal, eles diziam que se sim e mencionaram o vídeo.

No desenvolver das aulas também foram utilizados materiais didáticos, como na aula com a temática dos produtos de higiene, nela foi utilizada a caixa surpresa, onde foram colocados os produtos e quando os alunos retiravam um objeto conversamos sobre o seu sinal e a forma de uso. Outros exemplos de materiais utilizados foram o jogo da memória com os sinais em Libras; a produção da carteira de trabalho para retratar as diferentes profissões; produção do cartaz da pirâmide alimentar com os alimentos saudáveis e não saudáveis.

Procurou-se desenvolver uma prática metodológica que não se baseasse em repetições sem fundamentos e que a Libras fosse um ponto central, objetivando que o aluno surdo se expressasse e participasse ativamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível inferir que o programa de Residência Pedagógica possibilitou a colaboração entre os residentes com os alunos da escola campo, e com os professores orientador e preceptor. Onde, por meio dos encontros de formação e a articulação das aulas, foi possível desenvolver saberes práticos e teóricos de extrema valia para a nossa formação acadêmica e profissional.

Durante a regência foi possível compreender que a sala de aula é muito diferente de como a idealizamos na teoria, no momento de planejamento. Compreende-se que assumir de forma prática, a construção dos saberes na sala de aula é um grande desafio, desde a seleção de conteúdos e atividades até a aplicação dos mesmos, bem como aprender a lidar com as expectativas e frustrações de atividades que não ocorreram como planejado.

No decorrer das aulas percebemos a necessidade de reelaboração e de utilizar outras estratégias de atividades que alcançassem melhor os alunos, como afirma Paulo Freire (1996, p. 39) “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.”. Deste modo, esta, se consolidou como uma experiência rica e única, que nos fez refletir sobre o ensinar e aprender em sala de aula.

Logo, evidenciou-se que ao desenvolver metodologias e estratégias para a sala de aula é necessário ter flexibilidade e estar aberto a mudanças, buscando alternativas e estratégias didáticas que melhor se adaptem ao aluno surdo e que possam estimulá-lo a aprender continuamente.

Concluimos que o processo de ensino e aprendizagem de crianças surdas deve ocorrer de forma paciente, leve e dinâmica, sempre reforçando sua língua, cultura e identidade, e acima de tudo respeitando suas individualidades. Acredita-se que as abordagens aqui relatadas possam servir como embasamento para a aplicação de práticas pedagógicas mais inclusivas, e que, de alguma forma, estimulem a produção de novas metodologias e desdobramentos.

REFERÊNCIAS

AGRIA, Ana Cristina Queiroz; VIEIRA, Claudia Regina. CONCEITO DE LÍNGUA MATERNA, PRIMEIRA LÍNGUA E SEGUNDA LÍNGUA E SUAS IMPLICAÇÕES NO CAMPO DA SURDEZ. In: ALBRES, Neiva de Aquino; NEVES, Sylvia Lia Grespan (org.). **Libras em estudo: política linguística**. São Paulo: Feneis, 2013. p. 105 - 122.

BASSO, I. M. D. S.; MASUTTI, M; STROBEL, K. L. Metodologia de Ensino de Libras – L1. Florianópolis: UFSC, 2009.

BRASIL. Lei nº 14.191, de 03 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (**Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, 03 ago. 2021. Disponível em: > https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 20 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 set. 2023.

CARVALHO, A. G.; BRASIL, Y. J. dos S. Libras na educação infantil: proposta de critérios para a elaboração de um planejamento de ensino de Libras em escolas regulares. **The Specialist**, [S. l.], v. 43, n. 2, p. 174–201, 2022. DOI: 10.23925/2318-7115.2022v43i2a11.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5.

PRP/PROGRAD/UFERSA (RN). Pró-Reitora de Graduação. EDITAL CAPES Nº 24/2022. PROCESSO SELETIVO DE DISCENTES PARA ATUAÇÃO NO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA. **EDITAL Nº 24/2022: PRP/PROGRAD/UFERSA**, Mossoró/RN, 19 out. 2022. Disponível em: <https://prograd.ufersa.edu.br/2022/10/20/selecao-de-discentes-prp/>. Acesso em: 20 set. 2023.

QUADROS, Ronice Muller de. Alfabetização e o ensino da língua de sinais. **Textura**, Canoas; **Revista de Educação e Letras**, v. 2, n. 3, p.53-62, 2000.



REIS, Bianca Moraes Dantas. **Tecnologias digitais para alfabetização de surdos: portfólio digital como suporte pedagógico**/ Bianca Moraes Dantas Reis. UNESP. Presidente Prudente - SP, 2022.

ROCHA, M. S. P. M. L., **Não brinco mais: a (des)construção do brincar no cotidiano educacional**. Editora Unijui, Rio Grande do Sul. 2000.